

TEXTOS – AUTOR - RAUL DORES – CAMPANHA – DO LIVRO – O SOL, A
LUA E A TERRA

O canto Livre

A orla, ao abrigo da natureza selvagem, mas ordenada, a orla ao abrigo mas descoberta, aí eu me descubro e me concentro no que me preocupa, enquanto me aposento dos anos que passei a vagabundear, por tudo a que eu supostamente pertencia, ainda que num distanciamento do íntimo, talvez pertencia e lembra-me que não tinha a faculdade do cheiro, daquilo que eu sentia não ter pertença pessoal, o suficiente, para pressentir tudo o que à posterior recalcaria, por falta de capacidade, para reagir, a tudo o que eu não identificava, mas familiarizava a meu ver, pelo meu sentir, por meio de um ligar parentescos; de enteado de bastardo de padrasto, de desdém e contenda do tudo o que é cruel e indiferente. A floresta abrigava esse meu sentido doente pela falta dele mesmo, do frio desses recantos, em que ecoavam o vazio de almas similares, mas reservadas demais, não confessas, contorcidas, em momentos pontuais de agonia, pelo agitar, da barcaça do coração, que não encontra uma razão, mas um fantasma para ela, e um impostor da razão; logo de seguida, vendendo seus fármacos coloridos mas pálidos, sem vivacidade, sem a legitimidade, sem o vermelho vivo do meu sangue, também cor de um arco-íris de céu cinzento, que escurece na noite que acontece. Noite em que perscrutava e me encontrava com esses: fantasma e impostor da razão, mercadores do que a impossibilidade, me possibilitava e me acalmava, numa calma desconfortável, estranha, tão ímpar como díspar. E quando para baixo olhava, de volta ao sítio onde sentado estava, olhava o tom de castanho das árvores, o tom de verde das plantas e só isso me lembrava que muitas mais cores, juntamente com essas duas encontrava, fugidias e pequenas, mas muitíssimas para o olhar, e que as procurava, nesse abrigo de natureza, no chão, na terra, pois o céu era uma mentira, uma promessa e uma desilusão soturna, o céu era proibido ser sonhado em vida, assim diziam os tementes que o sonhavam somente na sua

morte, e que não ousavam transformá-lo em vida, fazê-lo crescer de vigor pintá-lo moldá-lo. Vida encerrada no horizonte imperdoável que se perde de vista, a sua face aveludada e seus olhos de azul, sem uma atenção dos que tinham medo, pois também ele tinha que ter um cuidado e uma indagação, nele e por ele, uma atenção pois porque então, durante tempo sem fim ele chorava, se zangava na forma de chuva e tempestade, pensava eu e tudo se comovia. Mas nada nunca faziam para matar essa mentira em que acreditavam, porque, todas as suas mentiras eram um vazio em que cabia sempre mais uma mentira. Ora se nessa memória feliz eu adormeço, por me afastar gentilmente da mesma, ora triste eu me esqueço, antes de cair no sono; - vou voltar a acordar para essa tristeza doce, na doçura minha, mas uma que me amarga tanto, pois ela é tanto voluntária como sozinha, inútil e infeliz, desancorada e desapojada na ondulação, sempre mais agitada, que não me deixa sossegar o sentimento, pois não o consigo firmar, ou saciar. Ondas passam ondas veem e todos têm, todos vêm, nas folhas que são sacudidas pelo vento, que anunciam as nuvens que se dispersam e vão embora ou se juntam, e ficam essas, não sabem não as conhecem. O céu de nuvens e as estrelas de um verão cintilam para os que viajam à procura da benesse do espírito numa tentação que reza uma noite sonhada, mas uma ainda não encontrada.

Vicissitudes

«A vida é casulo e casulo é morte e de um seguido acordar o que esperar.»

Quantas as façanhas do espírito por se aventurar, ao que é imposto, num aviso que recebe, como algo a que atende de facto, mas não por não alvitrar, a sua sorte (ainda que escasseando) acenando a ela uma vez mais e uma vez, e outra. Prolongando a sua sorte anunciada como defunta, jazendo com flores e aparato, mas sem ninguém que defenda esse espaço, esse trato do espírito, que quisesse aquecer demorar e tardar, ou até mesmo nesse dia já não voltar. Por não permitir o morrer da luz sem que haja também luz na noite, sem essa luta que nega porque afirma! Tal como

no dia que descansa quando escurece, também a noite sem luz esmorece, arrefece e já não haveria vida só haveria morte e nada acontece e tudo perece. Mas que morte esquece o que é a vida? A razão da morte existir é a vida, depende dela, desses tentáculos de ventosas de sorte do destino, que agarra e envolve o que é vivo. A vida mata vida e não é só a morte que mata a vida não é só a morte que é morte; a vida é morte. Pois assim também, se nascemos para morrer, também nascemos para voltar a viver depois de morrermos, um ciclo dentro de outro e um após o outro. O espírito procura luz na escuridão tal como procura abrigo, quando a luz é forte e quente demais. E aparte disso tudo o espírito procura a sua fome e no seu éden. E o espírito encontra o seu éden perdido na sua bravura; a de um bravo novo mundo em que, a vida, sendo vencida sempre pela morte a vida vence a morte também, e sempre mais num paralelo da morte, amealhando parcela após parcela, terreno após terreno, trabalho após trabalho! A vida conquista a morte pois a vida mata vida. A vida é triunfante pois é vida que dá morte e vida que se transforma em morte, e vida após a morte.

A ciência, a arte, a filosofia e a religião

A ciência é descobrir a arte a filosofia do universo, e a religião poderá ser acreditar nessa nossa ciência pessoal, que perscruta insatisfeita ou não satisfeita o suficiente. A nossa satisfação emerge de um mar de estrelas e de um vazio de escuridão. Tudo é perpétuo e porque não há-de ser a nossa satisfação também assim percebendo-mos assim a eterna insatisfação do ser. Temos morte e temos vida e no meio disso estamos nós perdidos nessa encruzilhada do universo, rendilhando seus propósitos que nos fogem e que nos transcendem. E porquê procurar longe de nós quando podemos procurar perto de nós esse significado, esse sentido, que senão, o tomarmos por nosso num atrevimento perigoso, mas legítimo, outros o farão. O perigo existirá sempre e o medo também, por isso o significado do universo, o multiverso; estará sempre distante de nós e por isso nos transcende como uma questão de enigma e uma resposta de arдил que nos contém na nossa concha fechada a ele no fundo do oceano do universo. Mas esse multiverso está não, no nosso exterior e longínquo de nós, mas nosso interior e perto de nós. Como uma verdade que próxima demais de

nós nos faz ficar paralisados de falta de coragem para abordar esse termo que tornámos pária por ser ímpar, esse termo primeiro de verdade juízo e sentimento. Como a morte de tua primeira vida que te pergunta o que é queres, que vida tu tens e conheces, se queres outra vida, outro conhecer e se acreditas nisso, se dás um pulo de resposta e para capitular o que já não fazia sentido ou nunca fez, se dás início a algo mais de coragem, o seguimento a isso e enfim, tudo o que quiseses se tiveres disposto; a não desistir demasiadas vezes pois irias te deitar mais tempo do que o que caminharias.